

MODA E DECOLONIALIDADE: PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO CULTURAL E SOCIAL A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTUDO

Júnior Maciel de Oliveira¹
Lucas Honorato Ribeiro da Silva²
Lorraine Cristina de Oliveira da Silva³
Ana Carolina Silva Magliano⁴
Gabriela dos Santos Rodrigues⁵
Aline Marques Costa⁶
Andrea Lomeu Portela⁷

Resumo: Nosso objetivo é estudar conceitos e práticas para repensar a noção de moda a partir das dinâmicas culturais brasileiras. Atentos a este contexto, observamos o vestir como instrumento ideológico de apagamento das cores de nossa multiculturalidade como mecanismo para promover modos e modas europeias à parâmetro de civilidade. Para tanto, percorremos estudos que tratam dos trajes dos povos originários ou traços culturais de nossa ancestralidade que resistem em nossas memórias, gostos e histórias. Por isso, encontramos no conceito de decolonialidade, nossas próprias experiências conectadas a outros protagonismos que redesenham a moda intermediados pelas redes sociais.

Palavras-chaves: Povos originários. Decolonialidade. Moda. Protagonismos em rede.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo nasce a partir da experiência vivida pelo grupo de estudos **Decolonialidade e Moda** que, ao longo do ano 2021, se dedicou a revisitar o conceito de moda por uma perspectiva decolonial. Para tanto, realizou estudos e uma série de atividades propostas em encontros semanais a fim de praticar, debater e difundir o aprendizado.

¹ Discente de Moda UniAcademia; aluno de iniciação científica; <linsjuca123456789@gmail.com>.

² Discente de Moda UniAcademia; aluna de iniciação científica; <lhrds22@gmail.com>.

³ Discente UniAcademia; aluna de iniciação científica; <lorraine.silva@hotmail.com.br>.

⁴ Discente UniAcademia; aluna de iniciação científica; <anacmaglianx@gmail.com>.

⁵ Designer de moda, egressa UniAcademia; aluna de iniciação científica; <gabirodrigues7@outlook.com>.

⁶ Docente UniAcademia, coordenadora do curso Design de moda; integrante grupo de estudos; <alinecosta@uniacademia.edu.br>.

⁷ Doutora em Ciências Sociais; Docente UniAcademia, orientadora de projeto de Iniciação científica; <andraportela@uniacademia.edu.br>.

Livros, textos e vídeos embasam o material teórico analisado a partir de uma metodologia circular, em que há uma integração permanente entre os temas e entre os participantes, os quais, devem interagir de forma complementar. Procedimento que faz ressonância ao conceito de decolonialidade e a vivência de novos processos de estudo de moda.

Outro procedimento metodológico é o monitoramento na rede social Instagram de ativistas, designers e coletivos que realizam ações baseadas na proposta de moda decolonial. Bem como, a própria atuação do grupo em rede.

A equipe trabalhou com diversos materiais concentrados em três núcleos teóricos, a saber:

Núcleo 1: avaliação e ampliação de conceitos como moda, decolonialidade, apropriação cultural, entre outros.

Núcleo 2: saberes e cosmovisões dos povos originários do Brasil.

Núcleo 3: africanidades, vestuário e diáspora negra.

Neste artigo, condensamos um recorte para análise do vestuário a partir do conteúdo teórico com o qual elaboramos as demais atividades de difusão de conhecimento produzidos em nossos estudos e com as quais pretendemos embasar futuras iniciativas. Finalizamos, com as experiências individuais coletadas em gravação durante as reuniões.

2 ENTENDENDO CONCEITOS E DESCONSTRUINDO IDEOLOGIAS COLONIAIS

Sobre o histórico do conceito de decolonialidade⁸ no poder, surge com o princípio de retomar uma série de problemáticas histórico-sociais que eram consideradas encerradas ou resolvidas nas ciências sociais latino-americanas, por Aníbal Quijano Obregón, no ano de 1990 (QUINTERO, FIGUEIRA, ELIZALDE, 2019).

Tendo em vista a proposta de Quijano, os estudos decoloniais se apoiam em alguns princípios, tais como, o controle do Atlântico entre os séculos XV e XVI; a estruturação do poder no colonialismo; as relações assimétricas de poder da

⁸ Antes de mais nada, é preciso destacar que não há consenso quanto ao uso do termo decolonial/descolonial, ambas as formas se referem à dissolução das estruturas de dominação e exploração configuradas pela colonialidade e ao desmantelamento de seus principais dispositivos.

modernidade; subalternização das práticas subjetivas dos povos dominados; controle do trabalho e controle da intersubjetividade como forma de manter a subalternidade de grande parte da população mundial e, por fim, denominar como eurocentrismo/ocidentalismo a origem da produção de conhecimento na modernidade (QUINTERO, FIGUEIRA, ELIZALDE, 2019).

Em inícios do século XIX, com a expansão latino-americana, houve um princípio de decolonização pela separação do poder político das metrópoles. No entanto, permanece a colonialidade enquanto matriz de poder, o que afetou a constituição das sociedades ainda em formação. Dessa forma, modelou e reproduziu uma dependência histórico estrutural baseados na imitação dos modelos europeus. Portanto, impôs-se uma estrutura capitalista de exploração do trabalho baseada em uma estratificação sociorracial. Tendo os brancos por um lado e demais tipologias raciais inferiorizadas por outro. É essa divisão que acaba por dificultar, ainda hoje, a democratização das sociedades (QUINTERO, FIGUEIRA, ELIZALDE, 2019).

[...] a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior da constituição da Europa como nova identidade da América e a expansão do colonialismo europeu conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com a elaboração teórica da ideia de raça com a naturalização de suas relações coloniais de dominação entre europeus e não europeus [...] os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais (QUIJANO, 2005, p.118).

Para discutirmos o conceito de moda em perspectiva pós-colonial ou decolonial a partir do conceito de Quijano (2005), é preciso compreendermos a moda como instrumento ideológico colonial. Santos (2020), pressupõe que é no binarismo moda x costume que se dá a desautorização dos povos colonizados. Sendo assim, mantendo-os apagados ou desconsiderados do ponto de vista do que seja moda, por não possuírem um vestuário que muda sazonalmente. Ao contrário, estariam determinados por uma tradição vestimentar.

O paradigma que envolve os modos de vestir de diferentes culturas em contraposição à moda como fenômeno ocidental, com uma inscrição temporal determinada, sempre gerou controvérsias. E, atualmente, tem sido revisitado como

exigência das novas configurações do vestir e dos valores das sociedades contemporâneas.

Santos (2020), ainda relaciona a instrumentação ideológica da moda do ponto de vista da criação, que se dá entre inspiração x cópia.

[...] enquanto os grandes estilistas europeus se inspiram e criam a partir da moda africana ou, pensando na diáspora, nos guetos e ruas, ou ainda, trazendo para o caso brasileiro, indígena, ribeirinho e outros, aos povos “sem moda” [...] cabe apenas, em resposta, copiar. (SANTOS, 2020, p.168, grifo do autor).

Assim, somente ao colonizador é dado o direito de ler as demais culturas, que não estariam capacitadas a discursar sobre si mesmas (SANTOS, 2020).

No texto **Pode o subalterno falar?** de Spivak (2010), podemos compreender melhor sobre a fala e a representação impostas às culturas colonizadas. Esse texto critica o discurso intelectual Ocidental que se coloca em nome do sujeito do Terceiro Mundo como seu representante. Essa produção acaba por corroborar com interesses econômicos internacionais do Ocidente. Por isso, ressalta que o papel do intelectual pós-colonial seria o de dar chances para o subalterno se articular por si mesmo, falar e ser ouvido.

Spivak (2010) destaca a obscuridade do sujeito subalterno feminino. “A questão da mulher parece ser a mais problemática nesse contexto. [...] se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras” (SPIVAK, 2010, p.85). Porém, o autor faz uma distinção entre ‘ser negra’ ou ‘de cor’, conforme a localização, variando suas possibilidades de projeção social, quer esteja no Primeiro ou Terceiro Mundo. De qualquer modo, para ele, a condição do sujeito feminino subalterno é a mais problemática de todas.

3 POVOS ORIGINÁRIOS E MODA, POR UMA VISÃO DECOLONIAL

Atentos aos contextos brasileiros, podemos dizer que a roupa europeia sempre foi o parâmetro de civilidade no Brasil. Na emergência em vestir os povos indígenas, despindo-os de suas próprias culturas. E, de igual modo, proibindo os traços culturais vestimentares que chegaram do continente africano, estabelecendo hierárquicas no vestir associadas ao modelo de trabalho.

Para decolonizar a moda, revisitamos os traços dessas categorias de roupas, que resistiram e resistem, para pensar o que seria uma moda decolonial.

Observamos que os trajes indígenas são raramente apresentados nos estudos de moda, embora muito tenham a contribuir em diferentes aspectos, desde o entendimento de nossa cultura e nossa subjetividade, até os aspectos estéticos, criativos e de novas perspectivas de corpo e materialidade.

Para tanto, trouxemos três estudos importantes: uma experiência com os encantados, a arte plumária e a roupa dos gaúchos.

Outro traje estudado e nascido dos encontros culturais que por aqui se formularam é o traje de crioula ou traje de baiana, uma moda genuinamente brasileira que preserva traços de nossas africanidades. A figura da mulher com traje de baiana, como sugerido em nossas leituras, sendo apresentada a partir de um olhar atualizado e esvaziado de estereótipos e interpretações equivocadas.

3.1 TRAJES, ARTES E REMINISCÊNCIAS INDÍGENAS

Destaca-se, em nossos estudos, a visitação histórica à arte plumária dos povos ancestrais presentes em museus europeus desde o período colonial, tema que vem ganhando visibilidade e despertando debates sobre o descobrimento do Brasil, a exploração e apagamento das culturas milenares que aqui viviam.

Segundo Bueno (2018), a arte plumária dos povos tupinambá foi a primeira encontrada na América pelos europeus. A cultura tupi tinha caráter efêmero e a cultura material foi pouco preservada, incluindo sua arte plumária, sobre a qual se evidenciam os mantos de pena.

[...] Plumaristas tupis altamente habilidosos imitavam a forma e a aparência dos íbis adultos e filhotes escolhendo e modificando individualmente as penas do pássaro para cada parte do manto, para depois usar uma variedade de técnicas de amarração para criar uma aparência “natural”, enquanto que técnicas ainda mais elaboradas permitiam que os tupis mudassem a cor das penas durante o seu crescimento na ave viva (BUONO, 2018, p.14).

Dentre o que foi preservado e que merece observar, estão os mantos de pena escarlates, que serviam como vestimentas usadas em performances religiosas e outros rituais. Exploradores, mercadores, naturalistas, europeus que

viam nos mantos um exemplo do contraste cultural entre os demais povos e atribuíram grande significado a essas peças. Por isso, enviaram uma grande quantidade à Europa, entre outros artefatos, que hoje se encontram espalhados em museus europeus (BUONO, 2018).

Atualmente, indígenas reivindicam a devolução de seus objetos ancestrais, movimento que ganha grande importância histórica, porque além do debate cultural e religioso, pela crença dos artefatos aprisionarem os espíritos ancestrais, outras questões igualmente complexas ganham visibilidade enquanto o pensamento decolonial está em pauta.

Outra ação que encontramos, que está relacionada às crenças ancestrais, é sobre os encantados, se trata de um projeto realizado entre os grupos Arapiuns, Jaraki e Tapajós, localizados no estado do Pará.

Dentro dessas comunidades existem registros de histórias, mitos e crenças contadas sobre seres encantados que habitam abaixo da superfície terrestre em pontos sagrados desses Territórios Indígenas, onde estão sendo produzidos materiais didáticos com as histórias e características dos encantados.

Mesmo sendo regiões que passam por diversos problemas constitucionais pela falta de apoio das políticas públicas com relação a direitos básicos, demarcações territoriais e garantias mínimas de sobrevivência, os povos que ali habitam buscam resistir através de ações que revisitam suas culturas, costumes e crenças, dentre elas, a ideia da existência desses seres humanos que podem ou não terem morrido, mas que um dia obtiveram poderes sobre-humanos por diversas razões, que não são santos, viraram encantados e protegem as matas, as águas e a natureza viva presente nos locais, e também podem castigar quem fizer algum mal para essa natureza (ALMEIDA, CHÊNE, RABELLATO, PEREIRA, 2019).

Essas individualidades e subjetividades de crenças e histórias dos povos indígenas do território Cobra Grande, no Pará, que foi citado, são de grande valia, pois mantém uma riqueza cultural de saberes e fazeres e servem como instrumentos de luta e resistência para manterem vivas suas raízes e identidades, mesmo com tanta dificuldade para continuar sua existência diante da grande invalidação que existe perante ao apoio a todos os povos originários (ALMEIDA, CHÊNE, RABELLATO, PEREIRA, 2019).

Esses saberes transcendem a questão de real ou não, os mitos fazem parte da construção cosmológica dessas aldeias e fazem o resgate da cultura dos povos. Nessas crenças, percebe-se um sincretismo entre o xamanismo e lendas de orixás de religiões de matrizes africanas.

Esse tipo de experiência interétnica importa conhecermos porque alguns fenômenos históricos acabam por formular novos costumes e formas de se relacionar com ambiente e sociedade, forma esta que se difundiu entre a cultura indígena local e os costumes do colonizador. Isso se dá pelas trocas de itens oriundos de necessidades de ambas as partes.

Assim também, surgem tipos vestimentares próprios. Como exemplo, o traje do gaúcho sul-americano que carrega símbolos e desenhos indígenas entre uma série de composições e misturas tipicamente criadas a partir do encontro cultural que ali se deu.

3.2 AFRICANIDADES QUE VESTIMOS

A cultura negro-africana, transplantada pelo processo forçado da diáspora, persistiu em elementos singulares de um universo plural que, atualmente, são identificadores do que se convencionou chamar de cultura afro-brasileira.

O traje de crioula se insere como indicador de uma visualidade específica da mulher negra nascida no Brasil, que poderia ser livre, liberta ou escrava, mas era antes de tudo descendente da escravidão, e de uma memória africana na Bahia do século XIX. Mesmo em situação de migrações forçadas, os elementos culturais singulares foram mantidos, com um ou outro traço identificador (MONTEIRO, FERREIRA, 2005).

As crioulas, nesta época, carregavam em seus ombros o pano-da-costa, identificador de uma matriz africana, uma África que estava geograficamente distante e paradoxalmente próxima. O uso do pano-da-costa estava relacionado com o papel sócio religioso da mulher dentro do Candomblé. Elas também incorporaram em seu traje elementos da cultura que era hegemônica como as saias com bico de renda, batas e camisas bordados em *richelieu* (MONTEIRO, FERREIRA, 2005).

Entre as joias que compõem o traje de crioula, está a penca de balangandãs, uma joia genuinamente brasileira e miscigenada. A joia é um meio de conhecermos a história dos povos e pode ser estudada como um documento.

A penca, além de joia, é um amuleto de Ogum, rei dos metais. E é “[...] representada por um molho (penca) de miniaturas de sete, quatorze ou vinte e uma ferramentas para a luta e para o trabalho, feitas em ferro batido e reunidas num argolão ou algo que os sustente (HARDMAN, 2015, p. 41). Inicialmente usada por sacerdotes de Ogum, tendo o seu uso se ampliado. Hoje, encontramos joias ao estilo balangandã de diversos materiais, no Brasil e fora do país, mas com representatividade brasileira.

4 MODAS DO BRASIL: VISIBILIDADE E ATIVISMO EM REDE

Estudos como o que realizamos, entre outros, que pretendem repensar o vestir, ganham a perspectiva pós-colonial ou decolonial que visa questionar o conceito ocidental de moda e seus usos.

O conceito de moda pode ser usado como mais uma noção dentro do aparato ideológico colonial que busca desautorizar a relação das sociedades não ocidentais por haver pouca mudança em seu vestuário.

Trata-se de uma construção por meio de uma valorização sistemática, dos diversos sentidos fornecidos por cada povo a sua realidade, aquilo que genericamente denominamos cultura. É neste sentido que convocamos a moda como cultura e como instrumento de ativismo, sobretudo nos espaços virtuais.

Acreditamos que, a interação virtual seja o instrumento que tem fomentado esse interesse e mobilizado grupos de pesquisa e criadores para uma nova proposição de moda na contemporaneidade.

Por isso, além da preocupação em investigar trajes genuinamente brasileiros e traços históricos, elegemos os espaços virtuais que usam a moda como articuladora de vozes subalternas, o que passa pelo intuito de desconstruir o sistema colonial que é capitalista, patriarcal, cristão, moderno e europeu.

Nossos estudos se fizeram fundamentais para tomadas de decisões, mudanças de visões e muito aprendizado, mas também, apontaram a necessidade de darmos sequência às atividades em novos formatos.

Observamos a necessidade de continuação e aprofundamento de registro de ações via a rede social Instagram, com foco no comportamento, conteúdos, visibilidade e marcas de modas com proposta decolonial.

O monitoramento foi iniciado com a coleta de informações de alguns usuários e a manutenção e sondagem de uma página do grupo que acreditamos, poderá servir de campo para novas pesquisas.

Outro apontamento que merecerá atenção na continuidade dos trabalhos, e que podem estar relacionados a nosso tema central, é o ativismo na moda e as questões de apropriação cultural. Embora tenhamos dado início ao tema apropriação cultural, fenômeno muito constante na moda, ele merecerá ser aprofundado futuramente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como pensamos o conceito de moda talvez seja o resultado mais esperado em nosso percurso. Se esvaziarmos o viés colonial, acreditamos em poder pensar a moda como um campo vasto de interpretações, capaz de assumir diferentes modos culturais que, mesmo considerados tradicionais, se transformam como qualquer outro fenômeno cultural.

Além disso, é sabido que muitas marcas europeias ou europeizadas, incorporam elementos étnicos de outras culturas, nem sempre autorizados. E, no entanto, ocupam as passarelas sem nenhum pudor. É preciso aprender a desconsiderarmos que moda só pode ser confirmada pelo olhar branco, elitista e europeu. Diferentes culturas podem sim ganhar espaço nos estudos e na atuação de movimentos de moda. Como modos de resistência e reivindicações. E não fazendo parte de um sistema que apenas os incorpora de forma objetificada e inferiorizada

A moda sabe reivindicar e se transformar frente aos apelos das sociedades contemporâneas, que reconhecem e querem ser reconhecidos por seu jeito próprio de vestir, considerando nossa herança cultural e valorizando nossas múltiplas ancestralidades.

Somos criadores, fazedores e temos nossa própria moda. No entanto, essa afirmação tomou um caminho pessoal e inesperado. Tocamos em afetos, em

memórias e ancestralidade. Acabamos, enfim, por percorrer nossas histórias individuais que resultaram em depoimentos gravados em reunião e que encerra nossa trajetória de primeiro ano de grupo. A seguir, os relatos das experiências individuais dos membros participantes do grupo de estudos decolonialidade e moda.

Conhecer sobre os encantados fez me abrir para um universo de coisas novas, minha visão de mundo é outra, de tentar entender a realidade indígena de agora. Meu Instagram e minhas leituras estão totalmente voltadas para a questão indígena. Mudou minha visão a respeito da questão indígena, Gabriela Rodriguez, aluna egressa.

Depois do grupo, estou atenta a tudo e me incomoda mais algumas questões. E passo a falar um pouco mais daquilo que a gente sabe. Não sabia nada sobre a cultura indígena. Sobre a cultura Afro eu conhecia um pouco, mas as descobertas no grupo foram surreais, toda a atenção que passei a dar.... Se não houvesse o grupo de estudos, eu não saberia nada sobre o vestuário afro e os balangandãs. Fui conversar com minhas tias, trocar informações e descobri mais sobre mim, sobre minha família e de outras pessoas, minha história. Parece que essa história está distante de nós, mas não está, Lorraine da Silva, aluna do quarto período.

Entrar para esse grupo foi uma das melhores coisas que já fiz no curso de moda. É muito importante descentralizarmos a visão europeia sobre nossa cultura e fazer isso na moda é incrível! A partir daqui minha visão mudou e é um caminho sem volta. Depois do meu envolvimento no grupo de estudos, abri meus olhos e percebi que há muitas pessoas fazendo o mesmo e eu serei mais uma a trabalhar nesse caminho, Ana Carolina Magliano, aluna do terceiro período.

Entrar no grupo de estudos e pesquisar mais sobre as origens africanas e indígenas foi muito importante para mim. Poder tirar todo um pensamento eurocêntrico e poder enxergar mais sobre minhas raízes, juntamente poder pensar como designer sobre como pessoas de diferentes etnias irão se identificar com aquilo que estou criando ou irei criar, Júlia Martins, aluna do terceiro período.

Ter entrado no grupo me fez conectar mais com os conteúdos da moda, uma das melhores coisas que escolhi e gosto muito. Aprendi muitas coisas. Minha visão mudou totalmente, sempre que vejo uma notícia ou informação, entendo

totalmente e penso a respeito com outro olhar. Vejo que a moda deve se abrir para o estudo de outras culturas, Júnior Maciel, aluno do terceiro período.

O interessante em nosso caminho é que podemos redescobrir a história da nossa ancestralidade de forma diferenciada. Os povos que chegaram aqui e o tanto que essas culturas estão presentes em nossa vida. O grupo acrescentou essa visão da história para moda. Me envolvi com os adereços, as técnicas, a simbologia. Tudo tem um fundamento, tem um porquê e a gente se identifica e se sente mais próximo. Sou de religião de matriz africana e tem muita coisa que pude correlacionar e observar. Como os significados desses usos foram apagados, precisamos nos informar e estar sempre por dentro, Lucas Honorato, aluna do terceiro período.

Por mais que a gente já tenha estudado a história e a nossa maior investigação seja a vestimenta, a nossa experiência vai além da roupa, traz a preocupação social com a importância de todos os povos que nos formaram e a realidade que vivemos hoje e sua proteção. A cada trabalho, cada participante muda seu olhar, observamos os temas por outro ângulo e muda tudo na vontade de questionar a situação. Não podemos parar por aqui. Temos um grande caminho para continuarmos a trilhar, depoimento da professora Aline Costa que participa como membro do grupo.

Esse artigo se constitui assim, um registro dessa experiência que, de uma única iniciativa se fez e se concretizou coletivamente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rita Moraes de. Vestires indígena em bonecas Karajá. História: Questões & Debates, Curitiba, volume 65, n.2, p. 197-222, jul./dez.2017.

BUONO, Amy. **Seu tesouro são penas de pássaro**: arte plumária tupinambá e a imagem da América. *Studies on the classical tradition*. Campinas, SP. V.6. n.2. pp.13-29. Jul.-Dec. 2018.

CHÊNE, Sérgio Gabriel Baena; RABELLATO, Lilian; PEREIRA, João Antônio Tapajós; ALMEIDA, Patrícia Machado. **O retrato dos encantados**: registrando as narrativas indígenas do TI Cobra Grande, Arapiuns, Pará. Reunião de antropologias do Mercosul, Porto Alegre, UFRGS, 22-25 Jul. 2019.

CRUZ, Robson. **O que que a baiana tem**: a construção de uma personagem e de uma narrativa radicalizadas no imaginário brasileiro. Ceará. UNILAB, 2019.

FERRARO, Eduardo Hector. **Símbolos e desenhos indígenas nas roupas dos gaúchos/gaúchos sul-americanos**. XIII Reunião de Antropologia do Mercosul, Porto Alegre, UFRGS, 22-25 Jul. 2019.

HARDMAN, Aline Souza. **Penca de Balangandãs: construção histórica, visual e social das crioulas no século XIX** [manuscrito]/2015.124f.

MIRANDA, Ana Paula; DOMINGUES, Izabela. **Consumo de ativismo**. Barueri, SP: Estação da Letras e Cores, 2018.

MONTEIRO, Juliana; FERREIRA, Luzia Gomes. **As roupas de crioula no século XIX e o traje de beca na contemporaneidade**: símbolos de identidade e memória. Mnema. Revista de Humanidades UFRGN. V. 07. N. 18, out./nov. de 2005 – Semestral. ISSN -1518-3394. Disponível em: <www.cerescaico.ufrn.br/mneme>. Acesso em: 10 maio 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires, CLACSO, 2005.pp116-142.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patricia; ELIZALDE, Paz Concha. **Uma breve história dos estudos decoloniais**. MASP Artferall, Museu de Arte Assis Chateaubriant e os autores, 2019.

SANTOS, Heloísa Helena de Oliveira. **Uma análise teórico-política decolonial sobre o conceito de moda e seus usos**. Moda Palavra, Florianópolis, V. 13, N. 28, p. 164–190, abr./jun. 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravort. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 133p. (Babel).